

CRÔNICA

Menino da cidade, de férias na roça...

Devia ser proibido menino ficar de férias! Já faz mais de uma semana que os netos voltaram para a escola e ainda estou por conta de remendar o estrago que ficou para trás... Um dia, tive que buscar uma partida de gado lá pelos lados de São Miguel do Cajuru. Os netos, recém-chegados para as férias de julho, reuniram os meninos das redondezas e aprontaram uma bagunça danada. Enquanto a minha mulher servia um café com quitandas e conversava com as visitas que tinham chegado, torceram o pescoço de duas galinhas e despejaram meio saco de feijão no moinho de moer milho. Para completar o dia, arrumaram um jeito de soltar o meu boi zebu do curral, junto com o garrote que já estava vendido para o coronel Leopoldo Portela. De nada adiantou a avó gritando, o cachorro latindo e o empregado correr acudindo. O boi, assustado, quebrou a

metade da cerca do curral. Sem contar o garrote novo que eu vou ter que mandar para o coronel, pois o que já estava vendido pulou por cima do tapume e caiu do outro lado com a perna quebrada. Quando as visitas se deram conta da hora de ir embora, seus cavalos estavam com os arreios caídos e soltos no pasto. Uma antiga casa de João-de-barro, construída no galho de uma figueira, foi quebrada a pedradas de bodoque, deixando o pássaro sem teto. A caixa de marimbondos da beirada do telhado eles cutucaram com um bambu, jogando-a no chão. Em tempo de os bichinhos picarem um deles... Meu compadre, Geraldo Santana, achava que aquela baita caixa era de estimação. "Sinal de sorte e dinheiro", dizia ele. De outra vez, estava eu enrolando um cigarro de palha, tranqüilo e acorçado no terreiro, quando eles soltaram os porcos do chiqueiro. Quando consegui prendê-los, o meu cavalo alazão, que já estava meio aposentado, foi atacado. Amarraram uma tocha de palha de bananeira secas no rabo dele e tocaram fogo, fazendo o coitado sair em debandada pelo pasto, quase ateando fogo na propriedade. Nem houve jeito de acudir, pois o animal não parou de galopar até que o fogo lhe queimasse a metade do rabo. Nesse momento a minha paciência acabou. Passei a mão numa correia e fui me encontrar com os meninos. Estalei o cinto no ar, mas mesmo assim me fez

*mal para o coração. Quando acalmei, arrependi, pois todo mundo ficou jururu... Minha mulher disse que eu estava errado: menino da cidade, de férias na roça, é assim mesmo! Nesse meio tempo as férias já iam chegando ao fim e os meninos teriam de voltar para a cidade. Fui ficando meio triste e parece que a fazenda também... No dia da partida, fiz força para não chorar. Quiseram ir no caminhão do leite até o arraial, de onde eles, para fomentar o espírito aventureiro, tomariam uma velha jardineira para São João del-Rei. Resolvi ir junto, mera desculpa de que poderiam aprontar alguma bagunça na carroceria do caminhão e, quem sabe, até se machucarem... Chegaram a salvo, subiram na jardineira...
- A sua bênção, vovô! No final do ano a gente pode voltar?
- Deus os abençoe e que São Miguel lhes acompanhe! Voltem no próximo feriado, o fim do ano vai demorar muito...
De volta, encontrei a fazenda triste. Afinal, menino da cidade, de férias na roça, é assim mesmo.*

Colaboração de José Antônio de Ávila Sacramento, leitor do ESTADO DE MINAS.

Envie sua crônica pelo fax (31) 3263-5024 ou pelo e-mail gerais.em@uai.com.br

Jornal **ESTADO DE MINAS**
(Belo Horizonte - MG, edição 01 de setembro de 2001)